

ENTRE IDEALIZAR E VIVENCIAR: MEU TRABALHO NO PIBID

Igor Lucas da Silva Santello¹

Roberta Aun Vaz Velota²

Cristina Pontes Vicente³

Advindo do sistema público, sempre admirei o ato de ensinar, transmitir aquilo que se sabia e admirava a forma como alguns professores que passaram pela minha jornada faziam isso. Quando cheguei no ensino médio, conheci o encantador mundo da Biologia e ficava, a reflexo da minha professora Neusa Andrade, colocando-me no lugar dela. Isso foi ponto-chave para minha escolha acadêmica: Licenciatura em Biologia.

A cada conteúdo aprendido durante as aulas da faculdade, eu ficava idealizando como ensinaria aquilo para os meus imagináveis e futuros alunos. Pensava em exemplos, em métodos, em temas legais que poderiam ser abordados e como assuntos considerados difíceis poderiam ser trazidos para que entendessem da melhor forma. Até que surge uma oportunidade para colocar tudo isso em ação: o Pibid (Programa Institucional de Bolsas à Docência). Atualmente, eu e minha dupla, Carolina Nascimento, atuamos como bolsistas do Pibid nas manhãs das quintas-feiras na escola estadual Felipe Cantusio, no Bairro Parque Industrial, na cidade de Campinas (SP) com alunos do ensino médio, sob a supervisão da professora Roberta Aun Vaz Velota.

Quando chegamos à escola, o sistema educacional estava bem diferente do que foi quando estávamos no ensino médio. Com a implementação do novo ensino médio, descobrimos que a carga horária de Biologia havia diminuído e isso foi desmotivador. Houve um aumento da carga horária anual de forma gradual, mas ao invés de beneficiar as disciplinas que já eram oferecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foram acrescentadas aulas de Itinerários Formativos, com o intuito de preparar esses alunos para o

¹ Graduando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, igorsantello2003@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Ciências Biológicas da UNESP de Botucatu - SP, Mestrado em Ensino de Biologia da UNICAMP - SP robertavelota@yahoo.com.br;

³ Profa. Dra. Departamento de Biologia Estrutural e Funcional, Instituto de Biologia, Unicamp, SP cvicente@unicamp.br

mercado de trabalho. Contudo, esses itinerários são ofertados de acordo com a “relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino” (BRASIL, 2017), construindo o que chamam de “currículo flexível”, criando assim uma desigualdade de ofertas entre as escolas. Há, ainda, o fato da maioria das escolas públicas não estarem preparadas estruturalmente tanto para esse aumento na carga horária anual quanto para a recepção de novos conteúdos dos quais os profissionais de ensino não foram qualificados.

Escolas com mais recursos, as privadas, que puderem aumentar a mensalidade de seus alunos, poderão dispor à escolha do aluno uma gama interessante de arranjos curriculares que contemplem conteúdos escolares, ministrados por professores qualificados e que possibilitem acesso e permanência no Ensino Superior. As escolas públicas que possivelmente terão de ampliar a carga horária com os já escassos recursos existentes atualmente, mormente do Fundeb, sem poderem aumentar esses recursos por conta da Emenda Constitucional nº 95, terão de oferecer arranjos curriculares que couberem no seu limitado orçamento. (HERNANDES, 2019, p. 592).

Além disso, fica em aberto como será a nova realidade dos vestibulares perante o currículo do novo ensino médio, visto as diferenças criadas nos currículos. Acompanhando durante um tempo algumas aulas, pudemos observar que os alunos estavam se tornando vítimas de um sistema educacional confuso, com mudanças constantes, e que enquanto não forem estabelecidas adequadamente estas regras e as escolas e professores adequadamente adaptados, o progresso dos alunos das escolas públicas estará prejudicado.

Ao passo que a escola pública está em meio a esse caos, as particulares se beneficiam, alavancando ainda mais a desigualdade entre as duas redes. E assim, atendendo a demanda dos próprios alunos, que se encontravam preocupados com o aumento da desigualdade entre ensino público e particular, já que eles estavam imersos em itinerários indesejáveis e com temas esgotáveis e em círculos, o nosso grupo PIBID (eu e minha parceira Pibidiana na escola, a Carolina), com o apoio da professora Roberta, lançamos nosso projeto: Biologia para o vestibular. Este projeto, visa não só um preparo mais sólido para os vestibulares, mas também é uma forma de contornar toda a perda da carga horária já citada. Assumimos que é de extrema importância a base biológica para esses indivíduos em formação, não só para a entrada na vida acadêmica, mas também para evitar pensamentos e ações negacionistas que tanto assombram a ciência nos últimos anos.

Nossa metodologia começou com um levantamento das questões de Biologia dos principais vestibulares paulistas (Usp, Unicamp e Unesp) e do ENEM, para saber o que estava sendo cobrado e com isso, nos orientar no plano de nossas aulas. Resolvemos iniciar pela Biologia Celular (Citologia), tema com muitos conceitos, mas fundamental para o entendimento de outras áreas da Biologia. Nossas aulas são lecionadas com o auxílio de uma televisão, na qual projetamos os *slides*. Posteriormente, esses *slides*, assim como qualquer

material que produzimos, são disponibilizados para os alunos acessarem quando quiserem, utilizando a plataforma *Google Sala de aulas*. A turma na qual aplicamos esse projeto é uma 3º série de 34 alunos e utilizamos duas aulas semanais do itinerário Biodiversidade e Qualidade de Vida.

Procuramos, ao longo dos encontros semanais e durante o processo de montagem de aulas, fazer com que o conteúdo tivesse sentido para os alunos, para que evitassem assim o aprendizado utilizando simplesmente a memorização e aborrecimentos ao longo do processo, tornando este aborrecido. Para isso, fizemos análise junto dos alunos dos conteúdos, levantamos hipóteses, levamos exemplos reais em vídeos e micrografias, além de imagens e esquemas bem ilustrativos. Também resolvemos questões de vestibulares juntos, aplicando técnicas que os ajudam em tempo e interpretação. E, além do estímulo ao questionamento, trabalhamos com jogos, desenhos e aula invertida, despertando várias formas de aprendizagem. Logo, as aulas possuem caráter participativo, quebrando o paradigma de que o professor é a figura central e superior (SCARPA, 2016).

Como material extra para os alunos interessados, montamos um *drive* com *links* e materiais que os orientam ao longo do processo de vestibulandos, como editais, planilhas de cronogramas e apostilas de exercícios. Também fizemos a doação de apostilas que foram usadas durante nosso processo de vestibulandos.

Ao longo de nossas aulas utilizamos materiais diversos disponíveis na internet. Entre eles, estão as três unidades do livro didático *Biologia Ensino Médio* (JÚNIOR; SASSON; CALDINI JÚNIOR, 2016) e o livro de Biologia Celular *A célula* (CARVALHO et al., 2013). Além disso, nos baseamos no banco de questões do Enem, Fuvest, Comvest e Vunesp.

Em relação a metodologia de ensino, nos baseamos na experiência prática ao decorrer das aulas, além de conhecimentos obtidos em disciplinas de licenciaturas já cursadas.

A recepção dos alunos com as aulas oscila ao decorrer dos encontros, mas em sua grande maioria tem sido muito empática e participativa. Foi através dessa percepção que vimos o quanto é importante colocá-los como figuras centrais nas aulas, isto é, o aluno deixa de lado seu modo passivo, de telespectador, e passa, através de uma aula conjunta, a sobrepor seu modo ativo, agente do aprendizado. Isso porque “no ensino expositivo toda a linha de raciocínio está com o professor, o aluno só a segue e procura entendê-la, mas não é o agente do pensamento” (CARVALHO, 2013, p.2). Daí também surgiu uma nova ideia, uma aula sobre aprendizagem, baseada em Neurociências. Com muito estudo, a montamos e foi recebida com sucesso. Nunca haviam falado com eles sobre como o cérebro aprende, guarda

informações e cria conexões. Acredito que essa aula foi essencial não só para o processo do vestibular, mas para a vida deles.

Foi, ainda, realizada uma pesquisa com a turma, onde pudemos fazer um levantamento de quais vestibulares seriam prestados entre os alunos daquela sala, além de obtermos a informação de quantos prestarão. A pesquisa consistia em três perguntas que deveriam ser respondidas em uma folha de forma individual e entregue ao final da aula. Entre as perguntas, uma delas era “Você irá prestar algum vestibular esse ano? Se sim, qual (is)?”. De 26 alunos que responderam, 19 irão prestar e esse dado nos deixou bem feliz, tendo em vista que mesmo em meio a tantos desestímulos, há uma parcela boa que pretende chegar ao ensino superior.

As ponderações contidas neste relato ressaltam a importância desde cedo do contato entre licenciando e discentes no processo de formação do docente, quebrando idealizações e preparando-o melhor como profissional, colocando-o na vivência do dia a dia das escolas. Além disso, acreditamos que a metodologia usada vem sendo um contraponto às novas medidas adotadas no currículo escolar dos alunos, complementando-o, e uma tentativa de criar uma atmosfera mais justa na disputa do vestibular.

Palavras-chave: vestibular; Biologia; formação docente; currículo; novo ensino médio.

Agradeço a Capes pelo programa PIBID, que é uma importante oportunidade para o começo acadêmico e de experiência dos licenciandos. Agradeço a coordenadora da área do subprojeto Biologia do PIBID Cristina Pontes Vicente, por ter me proporcionado essa oportunidade. Agradeço a minha dupla e companheira, também pibidiana, Carolina Nascimento, que com sua dedicação e entusiasmo, é o outro cérebro desse projeto. Agradeço também a professora Roberta Aun Vaz Velota que abraçou junto com a gente essa ideia e nos orienta na preparação das aulas.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 29/08/2023.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org). **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula.** ed. São Paulo: Cengage Learning, P. 1-20, 2013.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella e GERALDI, Aline Mendes e SCARPA, Daniela Lopes. [Apresentação]. **Metodologias ativas: ensino por investigação**. São Paulo: FTD. . Acesso em: 26 ago. 2023.

HERNANDES, P. R.. **A Lei no 13.415 e as alterações na carga horária e no currículo do Ensino Médio**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 28, n. 108, p. 579–598, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002802266>. Acesso em: 26 ago. 2023.